**Dr. Eugene Bourquin - Pedestres com surdocegueira: atravessando as ruas e se comunicando com o público não iniciado (tradução - Ana Lucia Rago)**

Dr. Gene Bourquin [00:00:01] Olá e bem vindos a esta apresentação e ao simpósio, Pedestres com surdocegueira, Travessia de Rua e Comunicação com o Público Não Iniciado. Gostaria de começar apenas informando quem é seu apresentador esta noite. Este sou eu. E então falaremos sobre para onde estamos indo hoje também. Sou o Dr. Gene Bourquin e sou um especialista certificado em orientação e mobilidade ou um COMS C-O-M-S. Também obtive certificações como terapeuta para baixa visão e duas certificações na área de interpretação de língua de sinais. Trabalhei por cerca de três décadas no Helen Keller National Center no subúrbio de Nova York. É o Centro Nacional de Surdocegos para Jovens e Adultos, e lá ocupei vários cargos, desde voluntário a diretor de serviços comunitários. Tenho a sorte de morar aqui na cidade de Nova York e estamos gravando aqui em Nova York hoje. Pode ser que você ouça alguns sons de fora. Eu posso ouvir os metrôs enquanto eles passam. Então, peço desculpas se isso atrapalhar a apresentação. E também vivo parte do tempo em minha casa no norte da Tailândia, onde trabalho em uma escola para crianças cegas e visito elefantes. De toda forma, o que estamos fazendo aqui hoje e para onde vamos com isso? Bem, em primeiro lugar, para quem é esta apresentação? Acho que esta apresentação é para vários grupos de pessoas, sabendo que o público de hoje é muito variado. Todos, desde pessoas com surdocegueira Pedestres a famílias e pais e cuidadores, bem como profissionais e para-profissionais que trabalham com pessoas com surdocegueira. Portanto, nem toda a seção pode ser do maior interesse para você, mas esperançosamente como um todo, ela lhe dará uma boa introdução de como afetamos deslocamentos confiáveis e seguros na comunidade com pessoas com surdocegueira. Especificamente neste tópico, o de interação com o público não iniciado, incluiremos um pouco de história e também de pesquisas. Não temos muitas pesquisas nessa área em geral, mas temos documentos e alguns estudos qualitativos e quantitativos que vão diretamente ao tema da comunicação com o público não iniciado. E vou compartilhar com vocês mostrando como elaboramos alguns princípios básicos aos quais nós aplicamos. A Harriet Maddox, as práticas funcionais para desenhar estratégias e abordagens, bem como as ferramentas que as acompanham para facilitar a comunicação. Quero dar um passo atrás no tempo para começar. Temos algumas informações sobre pessoas com surdocegueira e deslocamentos que remontam ao início do século 20, já em 1914, mas mesmo décadas depois, mesmo em 1979, apenas alguns anos após a abertura do Centro Nacional sobre Surdocegueira, pessoas tinham a percepção de que as pessoas com surdocegueira não iriam realmente se deslocar. Efetivamente ou regulamentado em público. Este é um livro que compilei quando estava fazendo minha dissertação. Na verdade, tive a oportunidade de falar com eles. Foi o primeiro livro publicado sobre O&M para pessoas com surdocegueira, chamado Treinamento de Orientação e Mobilidade para pessoas com surdocegueira. E Richard trabalhava em uma escola com duas crianças com surdocegueira e fez, o que eu acho, suposições comuns em sua época. Isso é o que ele disse, ele disse que a cada segundo que uma criança com surdocegueira se move, ela pode ter um problema de mobilidade. Em seguida, ele afirmou que muito poucas pessoas com surdocegueira se deslocarão de forma independente em uma área comercial, cruzando ruas movimentadas com segurança e interagindo com o público com visão. Bem, espero que, ao final desta hora, você esteja, pelo menos um pouco, desafiando essas suposições sobre deslocamentos e pessoas com surdocegueira e sua capacidade de ter uma vida rica e plena que inclui deslocamentos comunitários. Obrigado, vou mostrar um vídeo agora. Espero que você atente para isso. Assim, você terá uma ideia de algumas das coisas sobre as quais estamos falando. Uma das seções mais longas desta colagem será uma jovem, Gabby, que estará se deslocando para sua casa em Nova York, na verdade, de seu local de trabalho para sua casa. E você verá como ela se sai e depois que terminarmos o vídeo, voltaremos e começaremos a explorar seriamente o tópico do dia. Obrigado, aproveite o vídeo e estaremos de volta daqui a pouco.

video [00:10:55] [roda o video, audio ininteligével]

Dr. Gene Bourquin [00:13:34] Então, bem-vindo de volta do nosso pequeno intervalo de pipoca com vídeos, vamos ver o que você realmente viu nos vídeos durante essas sessões. Foram cinco vídeos. O primeiro era uma pessoa que precisava obter o número da linha do próximo trem de partida e o que ele usou foi o que chamamos de cartão de comunicação projetado de escolha forçada. A segunda pessoa era alguém pegando uma carona em serviço de carro. O terceiro vídeo era de alguém querendo descer do ônibus no ponto correto. E para isso, falaremos sobre o feedback e os planos de backup que estavam em vigor lá. Em seguida, temos alguém trazendo roupa suja para uma loja e se comunicando com o balconista. E o último foram cruzamentos de ruas. Antes de continuarmos sobre como projetamos esses cartões e por que, e examinando a pesquisa falaremos sobre duas coisas brevemente. Uma é sobre a frustração, quando as ferramentas não funcionam bem, quando não funcionam rapidamente e não funcionam de forma consistente, então temos um problema que eu vi em meus colegas, vi em muitos pedestres com surdocegueira. Ou seja, eles pensam que as pessoas não gostam deles ou não querem ajudar. A frase “pessoas onde moro odeiam pessoas com surdocegueira" é algo que ouvi algumas vezes durante minha carreira. Portanto, precisamos que essas ferramentas funcionem bem e que as pessoas com surdocegueira tenham confiança de que, quando se deslocarem, elas possam alcançar o que precisam e obter o que precisam durante esses deslocamentos. Uma palavra sobre segurança, só a pessoa com surdocegueira ou, no caso de crianças ou pessoas com deficiência intelectual, os seus tutores, podem tomar decisões sobre o que é seguro e o que não é seguro. Tenho ouvido muitos comentários ao longo dos anos: "É seguro para uma pessoa com surdocegueira ficar em uma esquina com um cartão que diz que ela tem surdez e cegueira?" e não posso dizer sim ou não e não temos estatísticas confiáveis sobre isso, mas o que posso dizer é que por 30 anos, ensinando pessoas com surdocegueira de todo o país no Centro Nacional e ensinando pessoas com surdocegueira que vivem e trabalham em alguns dos bairros mais marginais da cidade de Nova York, eu nunca tive um único incidente relatado para mim que alguém tivesse uma situação em que fosse perigoso ou fosse atacado ou violado de alguma forma. Isso não significa que as coisas não podem acontecer, não significa que as coisas não tenham acontecido, mas eu gostaria de nos alertar para não levar nossos próprios medos e suposições sobre as coisas e transmiti-las aos nossos alunos. Essa é a experiência que posso compartilhar. Portanto, por falar nas aspirações de viajar e se deslocar, gostaria apenas de compartilhar algumas notas históricas aqui. Uma é de Laura Bridgman, que escreveu em seu diário particular em 1853. Laura foi provavelmente a primeira pessoa com surdocegueira bem conhecida, uma criança na época que era mundialmente conhecida e precedeu Helen Keller. E ela escreveu em seu diário, "minhas pernas seriam tão poderosas para saltar uma grande distância assim como faz um canguru. Meus braços podem ser ágeis. Desejo tanto correr por conta própria tão rapidamente quanto minhas forças permitirem". E Helen em sua autobiografia, em uma delas, escreveu sobre "Dormindo quase nunca tateio. Numa rua movimentada sou autossuficiente, e desfruto de uma independência bastante estranha à minha vida física... minha alma veste sua sandália alada". São expressões bastante eloquentes de duas pessoas com surdocegueira que nunca tiveram a oportunidade de fazer a escolha ou de viajar/deslocar-se por conta própria, sem estar com outra pessoa ou sem estar em um ambiente muito restrito. Acho que fala de quão importante é o seu trabalho quando falamos sobre comunicar-se publicamente e se deslocar na comunidade para todos nós, incluindo as pessoas com surdocegueira. Então, vamos dar uma olhada em algumas das coisas que conquistamos ao longo dos anos por meio de vários esforços de pesquisa. Em 1989, houve o primeiro estudo realizado sobre cartões de cruzamento de rua. E naquele estudo, apenas 7% das pessoas que passaram pelo sujeito com surdocegueira querendo assistência, responderam a esse pedido. Em estudos posteriores em 1997 e 1998 e 1999, essa taxa de 7% aumentou gradualmente para 61%, com as várias mudanças e mais mudanças na ferramenta e estratégias que usamos com os cartões, em particular em 2007 foi o meu estudo de dissertação, que foi um estudo retrospectivo analisando muitos fatores que estão envolvidos no fato de pessoas com surdocegueira obterem assistência usando cartões de comunicação A principal descoberta em um deles foi que 72% da assistência ocorreu logo na primeira pessoa que passou pelo pedestre. Isso significa que 72% das vezes a primeira pessoa a se aproximar ofereceu ajuda. Esta é outra indicação de progresso em como fazemos as coisas, manipulando as características das ferramentas. Então, vamos dar uma olhada nesta ferramenta de comunicação prototípica, o cartão de cruzamento de rua, porque é onde temos mais pesquisas. Este é um cartão recriado, provavelmente um pouco mais formalmente apresentado aqui do que ele realmente foi, conforme descrito por uma tese de pesquisa de dissertação de 1979 por Vince Malle, um instrutor de mobilidade na Casa Industrial para Cegos. E este cartão é descrito por eventos que foram usados muito cedo com pessoas com surdocegueira, diz: "Eu sou surdo e cego. Por favor, ajude-me a atravessar a rua principal. Obrigada!”. Observe algumas coisas sobre este cartão. As palavras mais enfatizadas em maiúsculas e sublinhadas são as condições de visão e de audição da pessoa, surda e cega, e pede ajuda para um local específico, que é a rua principal. Isso é o que os especialistas em mobilidade que temos, pessoas que trabalham com pessoas com surdocegueira achavam que poderia ser o melhor modelo de cartão na época. Este é um cartão real, conheço a professora e conhecia a pessoa que atravessou a rua com isto. E você pode ver que este é um cartão usado no Centro Nacional Helen Keller na década de 1980. E está escrito em uma ficha, diz: "Eu sou surdo e cego, por favor, me ajude a atravessar a rua. Obrigado." Observe que não há resposta de confirmação do público. Cada palavra é sublinhada em vermelho e começa com o status de visão da pessoa surda e cega. Aqui está outro exemplo, ele contém muitas palavras. "Sou cego e tenho problemas auditivos. Preciso de ajuda para atravessar a rua. Toque no meu ombro. Vou segurar seu cotovelo." Um cartão que foi usado na Geórgia também durante as décadas de 1980 e 1990. Então, o primeiro cartão que examinamos foi em algum momento entre 1917 e 1940 na Casa Industrial para Cegos, que teve os primeiros programas pioneiros que atendem pessoas com surdocegueira, tinha alguns clientes que precisavam se deslocar para trabalhar, e foram feitos cartões com a medida 3x5, e pediam ajuda específica. O cartão com essa medida, 3x5, foi considerado conveniente porque cabia no bolso da camisa de um homem. Não havia mulheres que pudessem ser educadas no sistema de reabilitação para pessoas com surdocegueira naquela época, durante aquele período. A próxima pesquisa relevante para o que estamos vendo é este cartão que diz: "Eu sou pessoa com surdocegueira, você poderia me ajudar a atravessar a rua? Obrigado." Isso foi usado e proposto em uma seção do JVIB em 1988, o Journal of Visual Impairment and Blindness, o Vision Journal of Record. E o que os pesquisadores comentaram é que quando aumentaram certas palavras, as palavras "atravessar a rua" aumentaram a fonte em 42%. A resposta do público caiu de uma média de 22,6 segundos para algo em torno de 14 segundos para obter ajuda. Isso representou uma melhoria real na quantidade de tempo que as pessoas surdocegas teriam que esperar para serem notadas. A mudança é essa grande alteração na fonte das informações para solicitar do outro lado da rua com o cartão. A próxima pesquisa publicada em 1993 foi muito interessante. Minha colega Donna Sauerburger deu uma olhada no que estava sendo usado no Centro Nacional Helen Keller, que é o cartão à esquerda e comparou com um cartão à direita e o que Donna fez foi propor mudar a ordem das palavras, movendo o pedido para atravessar a rua para o topo do cartão e mover o status de visão e audição um nível abaixo. E, finalmente, a resposta para ser tocada na parte inferior. Mas o mais importante que saiu da pesquisa de Donna foi a entrevista que ela fez com as pessoas que passavam e as que ajudaram e as que não ofereceram assistência. 27% por cento das pessoas nem notaram o sujeito ou o cartão. 80% dos que ajudaram afirmaram que foi porque perceberam o cartão. Mas, curiosamente, muitas das pessoas que realmente ajudaram apenas leram a primeira ou duas linhas do cartão. Eles nunca lêem todos os diferentes textos do cartão. 71% dos entrevistados não perceberam ou compreenderam as necessidades dos transeuntes. E o autor sugeriu que, movendo o pedido para atravessar a rua para o topo do cartão e descendo o status de visão para baixo no cartão, eles poderiam obter uma resposta maior e melhor do público em geral. Essas entrevistas foram muito críticas e inovadoras sobre como criar um cartão. Em 2000, pesquisadores testaram um cartão com uma ilustração. Uma colega minha, Suzanne Hogan, e eu adicionamos uma imagem icônica de duas figuras de palito, uma fazendo um guia humano com a outra. A ilustração aumentou o tamanho do cartão, e pensamos, pelos resultados indicados, que o cartão ficou mais compreensível, rapidamente compreensível para o público em geral. Passando para o estudo publicado em 2008, com base na dissertação de 2007, examinamos a combinação de todos esses recursos diferentes em um cartão maior e mais fácil de manipular. O que fizemos foi aumentar o tamanho da fonte e destacar o pedido de “Atravessar a rua”, seguido depois pelo topo sendo o pedido, que é a resposta do público em geral. E por último, a informação sobre ser uma pessoa com surdocegueira, enquanto a informação de que o pedestre/transeunte é um sujeito com surdocegueira é muito importante para o pedestre e muito importante para nós como instrutores, pessoas que trabalham com pessoas que tem surdocegueira, para o público em geral são informações terciárias. Não é o tipo de informação que nos ajuda a iniciar a interação. Essa informação pode ser valiosa ou pode não ser porque eu vi muitos cruzamentos de ruas onde a pessoa teve a assistência de que precisava, mas por causa da observação do que estava acontecendo, você poderia dizer que a pessoa que estava oferecendo assistência nunca percebeu que a pessoa era surda e cega e com o treinamento adequado, não é uma questão importante. Não é o que precisamos transmitir, especialmente para levar a pessoa a ajudar. Nesse estudo, um cartão maior, projetado não em um cartão de 3x5, mas sim em um cartão que tinha 4 polegadas por 8 polegadas que tinha um cordão anexado. Esse foi o cartão que obteve atendimento mais rápido e com menos passagem de pessoas, aliás, o tempo de atendimento caiu de 43 segundos de espera em média para 28 segundos quando comparamos um cartão padrão com um cartão maior e o número de pessoas passando nesse ambiente urbano onde o estudo foi realizado, o número de pessoas que passam antes da assistência ser obtida caiu de 3,5 para apenas 2,5. Resposta muito rápida e consistente do público. Então, quais foram os fatores que colocamos neste design? Os fatores foram olhar para o tamanho da fonte, olhar a ordem das palavras, adicionar informações icônicas, olhar para o tamanho geral da ferramenta, tornando-a mais óbvia para o público, tornando-a mais visível. Observamos a cor e o realce porque, eventualmente, decidimos que realçaríamos as palavras “atravessar a rua” e verificamos o significado disso. Alguns dos estudos sobre altruísmo mostram que quanto mais significativo é um pedido, se a bengala da pessoa for exibida, se for óbvio para a pessoa que passa que a pessoa pode precisar de ajuda, com mais frequência as pessoas ajudarão e mais rápido ajudarão. Há duas coisas principais que precisamos construir nos cartões de travessia, aquelas que precisam ser notadas. Quando as pessoas se auto-selecionam e passam na esquina, essas coisas precisam ser percebidas e isso significa que precisam ser óbvias. O branco é uma cor muito boa para o que é chamado de captura de atenção, com o sistema visuo-cognitivo percebendo algo. E o tamanho de um objeto também é um fator para chamar a atenção das pessoas involuntariamente. A outra coisa é que precisa ser entendido. Portanto, quando estamos projetando cartões, queremos usar ilustrações claras, reduzir a desordem, criar uma ordem de palavras que as pessoas tenham maior probabilidade de compreender. Aumentamos o tamanho da fonte quando precisamos e destacamos essa fonte, todos esses fatores parecem ser variáveis realmente importantes e que aumentam o aprimoramento da ferramenta de comunicação. Então aí está o que temos. Passamos por muitas repetições de cartões ao longo dos anos e pesquisamos e entrevistamos pessoas e discutimos isso com pessoas com surdocegueira. Descobrimos que o que temos agora é uma ferramenta muito eficaz e fácil de usar. Estou apenas passando por alguns dos ensaios de cartões que vimos ao longo dos anos. Por fim, criamos este cartão, que é o padrão atual usado pelo Centro Nacional e usado por pessoas com surdocegueira em todo o país e sempre me emociona quando estou andando pelas ruas de Nova York e vejo alguém que tem surdocegueira na esquina usando o cartão que saiu do meu estudo de dissertação. Então é basicamente aí que estamos agora. É importante pegarmos essas informações e aplicá-las, aplicá-las a outros tipos de ferramentas de comunicação, portanto, na próxima seção, começaremos a falar sobre outros tipos de ferramentas, outros recursos das estratégias que usamos para tornar essas ferramentas tão eficazes quanto possível. Obrigado. Faremos uma pequena pausa agora e pode postar o vídeo, podemos fazer isso agora, antes de prosseguirmos.

Dr. Gene Bourquin [00:31:23] Então, apenas para dar uma olhada na ferramenta da qual estávamos falando, estes são os três cartões de travessia padrão. Tem um cordão que passa por cima do pescoço. Ele tem uma alça para que a pessoa com surdocegueira possa segurá-lo com segurança sem obscurecer o texto, e eles sabem a orientação correta do cartão e o cartão não pode simplesmente ser derrubado. OK, então a pesquisa que examinamos nos leva a uma série do que eu e alguns outros profissionais da área chamamos de princípios de interação bem-sucedida com o público. E esses são apenas alguns conceitos-chave que o ajudam a ter em mente como projetar as ferramentas de forma eficaz e como ensinar isso. Portanto, o que você quer fazer é sempre assumir que os outros não entendem a situação. É muito raro que as pessoas do público não iniciado tenham qualquer pensamento sobre o que estão encontrando quando passam por uma pessoa com surdocegueira na rua ou encontram-se com elas em um banco ou supermercado ou algum outro estabelecimento público. Eles não saberão o que fazer. E então temos que ser explícitos e claros e simples e muito diretos no que queremos que aconteça, é isso que fará a interação funcionar. As próprias pessoas com surdocegueira tem que ter uma maneira de reconhecer se a comunicação está funcionando ou não. E falaremos sobre isso a seguir no próximo slide. Quando incorporamos a estratégia ou a ferramenta para que a pessoa com surdocegueira saiba o que está acontecendo, chamamos isso de sistema à prova de falhas. E terceiro, sempre tenha planos de backup e, de várias formas, maneiras alternativas de se comunicar ou obter atenção para estar preparado quando uma tentativa falhar. Portanto, tenha uma abordagem principal para a interação de comunicação e, em seguida, tenha outras tantas maneiras para a pessoa com surdocegueira ter sucesso. Aqui estão vários cartões de cruzamento de ruas e cartões de comunicação diferentes que usamos ao longo dos anos, e eu só quero passar por alguns deles para explicar o método à prova de falhas. Classicamente, o cartão de viagem de ônibus que você viu instruindo o motorista do ônibus segurando este cartão até chegarmos à rua principal. Isso faz algumas coisas, não apenas informa ao motorista do ônibus o que você quer, porque quer descer do ônibus na Main Street. Mas também permite que você saiba se o motorista do ônibus leu e entendeu o cartão. Algo como o recurso de proteção contra falhas geralmente segue a solicitação para que saibamos que ela foi entendida. No cartão de cruzamento da rua, o seguro é que eles “me toquem”. Se a pessoa tocar na pessoa com surdocegueira, sabemos que ela entendeu o cartão ou temos algum grau razoável de compreensão nela. Segure o cartão de ônibus. Falaremos um pouco sobre a pista e a compra da passagem. Às vezes, em certas situações, você pode querer um toque duplo ou triplo para que alguém que acabou de esbarrar em uma pessoa com surdocegueira não seja mal interpretado, como você pode ver no quinto cartão aqui, aquele que diz "Preciso de um guia para o próximo trem que parte para Washington ", diz ele," toque minha mão duas vezes" um sistema de segurança muito específico que diz para a pessoa com surdocegueira "Oh, senti dois toques, são na minha mão. Sei que meu pedido foi atendido." Vamos assistir a este vídeo de um pedestre que precisava ir de um lado da Penn Station, de onde saiu do metrô, para o outro lado da Penn Station, onde vai pegar um trem. A Penn Station é o centro de transporte mais movimentado dos Estados Unidos. E o caminho que essa pessoa com surdocegueira deve tomar não tinha linhas costeiras claras para seguir. Portanto, era um ambiente muito desorganizado para uma pessoa com surdocegueira. E ir de uma ponta a outra dessa grande estação exigia que a pessoa precisasse de assistência. Juntamos esses princípios e esse vídeo, que era um vídeo real e o que vocês verão é a assistência basicamente da primeira pessoa que passou. Vamos dar uma olhada nisso.

vídeo [00:37:02] [reproduções de vídeo, áudio ininteligível]

Dr. Gene Bourquin [00:37:05] A pessoa com surdocegueira está passando pelo início da estação onde ainda tem um linha costeira para seguir e quando esse linha costeira desaparecer, ele irá parar e exibirá seu cartão de comunicação e você verá que, quando eu virar a câmera para trás, a pessoa com surdocegueira terá feito a primeira pessoa ler o cartão. Ela pensa por um momento. E então ela toca a pessoa com surdocegueira. Victor usa a técnica adequada, colocando-se atrás do guia e eles seguem seu caminho. Esse é o tipo de interação que gostaríamos de ver com as pessoas com surdocegueira. Outro design de ferramenta comum que usamos é chamado de design de escolha forçada, e esse design é aquele em que você oferece à pessoa que está em uma situação para ajudar, neste caso, alguém que está atrás de uma janela e você dá a ela um certo número de escolhas. Para que a resposta seja sempre útil para a pessoa com surdocegueira. Observe que o recurso de segurança contra falhas é que o clipe de papel iniciará em uma posição neutra. Não havendo nenhuma das respostas possíveis ao pedido da pessoa com surdocegueira, isso significa que a pessoa com surdocegueira recebe o cartão de volta e o clipe de papel não foi movido para uma resposta. A pessoa com surdocegueira sabe que o cartão não foi lido e compreendido. Eles podem então apresentar novamente o cartão para a pessoa de quem estão pedindo ajuda ou respostas. Eles podem apresentá-lo uma terceira vez se falhar. Depois disso, eles iriam para um dos planos de backup que eles haviam ensaiado e criado anteriormente com seu próprio instrutor de O&M. Então, vamos dar uma olhada nisso. Lá está o cartão e o clipe de papel começaria em algum lugar neutro, como no lado esquerdo inferior do cartão, e provavelmente neste cartão destacaríamos e negrito as palavras, 'mova o clipe de papel'. Você vê a pessoa com surdocegueira atravessando as portas de uma estação ferroviária e tirando seus cartões de comunicação. A primeira tática é bastante rotineira, ele vai passar um bilhete pela fenda, por baixo da janela, para o balconista da ferrovia e perceber os métodos que está usando, não só dá um bilhete, mas enfatiza com o gesto que quer uma passagem. Agora, isso é algo que o funcionário da ferrovia está acostumado a fazer. É muito rotineiro. Há muito pouca chance de que haja algum tipo de falha nessa interação. Isso é algo que o balconista faz o dia todo, vender ingressos. A segunda solicitação requer uma comunicação mais sofisticada, que é o cartão de escolha forçada do número da via férrea. A pessoa com surdocegueira, neste caso, tem que saber qual das quatro plataformas o próximo trem vai partir, e a única maneira de fazer isso para ele é perguntar ao balconista. E, como vimos antes, ainda não há opções para nenhuma das vias férreas, o que significaria que a pessoa com surdocegueira se afastaria e reapresentaria o cartão. E também há as quatro possibilidades de vias férreas. E como você pode ver, há o trem nos trilhos. Agora, às vezes temos que fazer ferramentas de comunicação que solicitem assistência à distância. Imagine uma pessoa com surdocegueira que precisava atravessar uma rua em uma área suburbana ou rural para chegar a um ponto de ônibus. Em um lugar onde havia muito poucos ou nenhum pedestre regularmente, aquela pessoa com surdocegueira ainda precisaria atravessar a rua. Agora, como você pode ver nesta foto, é possível fazer os motoristas pararem e ajudarem a pessoa com surdocegueira a atravessar a rua. E, novamente, aquele com um cordão e será segurado na direção de onde o carro pararia ou faria uma pausa. Fizemos um estudo sobre isso e descobrimos que, surpreendentemente, os números de obtenção de assistência para motoristas que passavam com quase o mesmo entre dois e três motoristas passavam antes que uma pessoa com surdocegueira conseguisse assistência do outro lado da rua. Naturalmente, esse é o tipo de ferramenta que seria usada em um local na faixa de pedestres onde o motorista pudesse parar por um momento ou encostar, encostar o veículo para que ele pudesse ajudar. E essa ferramenta tem tido muito sucesso em áreas onde os cegos caminham e não têm muito trânsito nas calçadas, mas têm trânsito nas ruas e motoristas passando. Vamos dar uma olhada. Você notará que esta é a mesma ferramenta que acabei de mostrar, e vamos sair com [ininteligível] e estamos nos aproximando de um cruzamento aqui com o vídeo em [ininteligível] e são os movimentos do vídeo que você verá que não há absolutamente nenhum pedestre nesta área suburbana. Quase todo mundo está em um carro neste bairro. E este é o pedestre com surdocegueira. Você verá como ele está de frente para onde o carro pararia no sinal de PARE. E esse vídeo é feito, esse é o primeiro carro que se aproximou. O carro para, o motorista sai e ajuda, o motorista olha para o outro lado da rua. Essas ferramentas geralmente são feitas em 8,5 x 11 pol. E como você pode ver, a fonte é muito grande. Este é um exemplo do cartão que projetamos e quando o testamos na Tailândia, estamos no subúrbio de Bangkok, ele funcionou muito bem. Assim, ao ensinar essas ferramentas, há alguns pontos críticos a serem destacados para que, quando estiver ensinando isso antes de sair e enquanto estiver fora, você deva ter em mente. O aluno planeja, e esse é um ponto importante, o aluno planeja a comunicação necessária, inclusive os backups, a comunicação. Organizar as notas e cartões e equipamentos necessários para cada tarefa. É muito importante que façamos um brainstorming e projetemos essas ferramentas com o aluno, tendo em mente com o que se sente confortável, o que é capaz de fazer e o que deseja fazer. Queremos que o aluno os organize para que sejam facilmente utilizáveis. Os cartões podem ser colocados em uma caixa de arquivo ou em um anel grande ou em um pequeno bloco de notas ou os cartões e as anotações devem ser exclusivas, de forma que possam ser facilmente identificados pela pessoa com surdocegueira. Isso pode ser um recurso físico do cartão ou pode ser Braille ou algum outro aspecto do cartão. Uma das coisas que gosto de usar é um estojo clássico que você pode comprar em uma loja de artigos escolares ou Micheal. Este é um local onde você pode guardar o troco exato para o transporte público, por exemplo, e pode organizar suas ferramentas e guardá-las facilmente. E se desejar, você pode adicionar um cordão a isso. Durante a experiência, o instrutor precisa estar muito atento à sua colocação e como vai interagir ou não com o aluno e o público. A primeira coisa é observar discretamente se você está em algum lugar perto da interação e parece que pode ajudar, há algo chamado efeito espectador e geralmente pode diminuir a resposta do público em geral. Alguém está esperando para atravessar a rua e você está por perto. Algumas pessoas passam despercebidas e não ajudam com a ideia de que você ajudaria. Eles não sabem que você é o instrutor, então você não quer estar perto daquela esquina quando aquela pessoa com surdocegueira estiver passando pelas provações de praticar esta técnica. Agora, isso significa que as habilidades de pré-requisito que a pessoa com surdocegueira precisa já devem estar disponíveis. A pessoa com surdocegueira deve ser capaz de descer o quarteirão, identificar a esquina com segurança, saber onde ficar no meio-fio ou na rampa do meio-fio para que possa obter ajuda prontamente. Onde os pedestres estão passando nas proximidades, eles precisam ser capazes de afetar a ruptura da retaguarda. Eles querem exibir sua bengala no caso de obter ajuda para atravessar a rua e todas as habilidades que você gostaria que uma pessoa fizesse até o ponto em que segurasse o cartão. É muito importante, especialmente nos estágios iniciais, que você se abstenha de intervir, pare e diga a alguém do público em geral o que ele deveria ter feito ou o que está acontecendo ou não permitir que a pessoa com surdocegueira tenha a experiência da falha da ferramenta não ajuda. Portanto, pode ser tentador intervir ou dizer a alguém: "Oh, a pessoa queria ajuda, você leu isso?" Ou, seja o que for, isso não vai ser útil no currículo de treinamento. Você quer explicar para o aluno que você não vai intervir de antemão, você vai dizer ao aluno que cabe a ele quando ele quer se envolva e que ele tome essa decisão e também dá um sinal para o aluno. Isso significa que é hora de eles desistirem e gostariam que você viesse e ajudasse. Isso pode ser algo como levantar a bengala no ar ou pegar um cartão de comunicação e erguê-lo. Mas de alguma forma você saberá que esse treinamento acabou e que a pessoa com surdocegueira gostaria de discutir o que aconteceu. As coisas nem sempre vão bem e, quando isso não acontece, é uma experiência de aprendizado. Certifique-se de que a pessoa entende o que deve acontecer para que possa aprender com o que não acontece. Vamos dar uma olhada em um exemplo de coisas que não estão indo muito bem. Este é um pedestre com surdocegueira que está aprendendo como obter assistência na rua. Observe que ele usou sua bengala e chegou ao meio-fio, mas o meio-fio em que ele está parado está bloqueado por um carro. Também pode notar que a pessoa com surdocegueira está fumando um cigarro, talvez algo que não gostaríamos de fazer. Ele estende o cartão e espera por ajuda e uma mulher se aproxima e pega a parte de trás do braço dele. O pedestre surdocego não faz uma pausa para ruptura de retaguarda e não coloca a pessoa à sua frente no lado que ouve . Portanto, a pessoa que está ajudando o leva para a rua e basicamente os empurra para um território neutro. Nesse ponto, a pessoa com surdocegueira está gritando: "não me deixe, por favor, não me deixe. Eu sou surdo e cego." E, finalmente, eles chegam ao meio-fio e ela meio que os empurra para a calçada. Existem muitas coisas que estão erradas nesta interação. O óbvio é que a pessoa com surdocegueira não tinha as habilidades necessárias. Eles não garantiram que estavam no controle pegando as costas do braço da pessoa. Temos outros exemplos disso, mas por uma questão de tempo, vamos seguir em frente. Depois da experiência, você quer ter certeza de dar um feedback objetivo à pessoa com surdocegueira sobre o que você observou. O instrutor e o aluno podem fazer um brainstorm sobre a interação, você deve ter uma discussão. Eles podem apresentar ideias ou alternativas, novos backups ou novos dispositivos de proteção contra falhas que vão para a ferramenta para que eles se movam constantemente para interações bem-sucedidas. Apenas mais alguns pensamentos antes de encerrarmos este tópico. Tem sido minha experiência e a experiência de algumas outras pessoas que cartões gerais que simplesmente pedem ajuda não funcionam. Então, um cartão de comunicação para uma pessoa dizer: "por favor, me ajude, me toque se você puder ajudar, eu sou surdocego" esse tipo de cartão não parece gerar que as coisas aconteçam. A pessoa pode ler o cartão, pode interpretar mal o que a pessoa deseja. Eles não sabem no que estão sendo solicitados a se engajar. Portanto, obtive resultados muito ruins sempre que tentamos construir uma ferramenta que faria isso. É sempre bom começar, de novo, com o que a pesquisa nos mostrou. O que é isso que a pessoa com surdocegueira quer? Eu sei que pode soar banal, pode soar fácil dizer que devemos construir experiências e habilidades para lidar com o público não iniciado o mais cedo possível com pessoas com surdocegueira. Portanto, isso deve significar que, assim que a pessoa com surdocegueira pode começar a fazer e solicitar coisas das pessoas que não conhece, ela deve usar algum tipo de ferramenta que dê a ela uma escolha e permita a comunicação com o público não iniciado. Fiz um pequeno estudo fora da escola para surdos, no qual trabalhei por muitos e muitos anos. E observei várias dezenas de alunos e observei as correlações entre a capacidade de caminhar e interagir com o público e outros tipos de experiências. Uma das coisas que posso dizer é que o que não se correlacionou de maneira significativa com o sucesso do deslocamento de pessoas com surdocegueira foram os testes de QI padrão que as escolas fazem. As habilidades de inteligência e seu desempenho acadêmico não significavam necessariamente que seriam melhores pedestres. O que descobri foi a correlação entre a pessoa com surdocegueira, a criança com surdocegueira neste caso, ou o jovem e suas interações e comunicação com sua família. Quantas vezes sua família os levava em saídas e os envolvia no que estava acontecendo, em vez de apenas puxar aquela pessoa com surdocegueira para estar com eles e não comunicar realmente o que estava acontecendo. Portanto, em minha opinião, em minha experiência, o sucesso nesta área está relacionado à experiência, e essas são experiências que podem ser incorporadas a qualquer currículo, às interações e ao sistema educacional e às interações que a pessoa com surdocegueira pode ter com sua família. Acho que essas são as coisas importantes que devemos pensar e incorporar. Esta não é uma área padrão em Orientação e Mobilidade ou necessariamente a educação que crianças com surdocegueira recebem, mas precisa ser tratada porque está muito relacionada com o sucesso na vida. Posso dizer que recebi tantos jovens adultos e até adultos mais velhos para fazer treinamento no Centro Nacional para Pessoas Surdocegas que quase não tiveram nenhuma experiência bem-sucedida com o público não iniciado e isso é devido a uma falta da nossa parte, não daquela parte . Por fim, gostaria apenas de deixar meu endereço de e-mail. Sinta-se à vontade para entrar em contato comigo a qualquer momento por e-mail através do meu endereço do MSN. Estou sempre feliz em ajudar, ajudar ou fazer um brainstorm, então sinta-se à vontade para fazer isso. Um comentário final: minha colega Donna Sauerburger, que sempre foi uma pioneira na área de Orientação e Mobilidade, quero agradecer a ela. Alguns dos materiais que examinamos hoje eram dela e suas publicações, incluindo seu primeiro livro sobre o assunto, foram históricos e inestimáveis. Obrigado por participar desta sessão. Espero que você tire algo disso. Sei que foi um pouco vacilante e um pouco seco em alguns pontos, mas quero desejar-lhe boas caminhadas, boas aulas e deixar-vos com a ideia de que as pessoas com surdocegueira podem e irão, com a sua ajuda, se deslocar independentemente na comunidade depois de terem as ferramentas e o treinamento adequados. Muito obrigado.